

4. Conclusão

Na primeira metade do século XIX, a imprensa foi um tema que atraiu a atenção de vários intelectuais da Geração Romântica de 1837 na Argentina. Entre eles, Domingo Faustino Sarmiento talvez tenha sido aquele que mais discutiu as funções e as complexidades das publicações periódicas na época. Os escritos do san juanino revelam o fascínio que ele tinha pelos jornais como ferramentas que permitiriam “trazer civilização e progresso para a sociedade, tirando os cidadãos da barbárie”. Essa crença já estava presente na sua primeira publicação, o *El Zonda*, no artigo “¿Que és pués un periódico?”. Ao longo de toda a sua trajetória como periodista e homem público Sarmiento insistiu na função das páginas periódicas como um instrumento para a ação política e também para a educação da população. Até o fim da sua vida, ele escreveu artigos para os jornais.

O exílio no Chile foi o período que Sarmiento mais discutiu temas como liberdade de imprensa e opinião pública. A reflexão sobre o papel dos diários e a formação da “opinião” foi publicada em diversos artigos no *El Progreso*, no *El Mercurio*, no *El Nacional* e no *La Cronica*, muitos desses textos foram analisados no primeiro capítulo da dissertação. Para Sarmiento, os periódicos representavam a arma necessária para derrubar o governo Rosas, atuavam como as verdadeiras “*bayonetas inteligentes*” que pretendiam combater a censura e a ditadura rosista através de suas páginas.

Segundo Sarmiento, essa mesma imprensa que tinha o compromisso de instruir e educar, poderia também ser utilizada a favor de governos autoritários, proclamar mentiras e caluniar. É diante desse argumento que o autor apresenta a lógica complexa e controversa das publicações periódicas. Dessa forma, ele confirmava o seu dever como periodista de uma imprensa de guerra, utilizando a *pluma* como arma para denegrir e atingir seus adversários políticos.

As expressões que Sarmiento e outros intelectuais utilizaram para definir o papel da imprensa indicam a função dessas publicações dentro de um cenário fortemente marcado pela disputa política e por longos confrontos civis. A vitória sobre a tirania tão proclamada nas páginas dos jornais chilenos por Sarmiento e outros intelectuais, durante o exílio, levou anos para se concretizar. Porém, o próprio san juanino destacou

na obra “*Campaña en el Ejercito Grande*” que foi essa atuação nos periódicos, em toda a Região do Prata, que favoreceu as condições necessárias para a derrocada do regime de Rosas. Sarmiento acreditava que a imprensa era um elemento determinante na transformação da realidade. Na obra “*Recuerdos da Província*”, o periodista ressalta que se fosse permitido a um escritor caracterizar a si mesmo, ele não hesitaria em destacar os seus trabalhos nos jornais que representavam: “sua arma, sua alma e sua essência”.

A análise dos escritos de Sarmiento sobre a imprensa na década de 1840 e início de 1850 nos auxiliam a compreender qual foi o contexto político, social e linguístico debatido pela elite intelectual nos jornais daquele momento. Na época, os periódicos contribuíram também para que os projetos literários da Geração Romântica pudessem se concretizar. Inúmeras publicações como “*Facundo*” e “*Bases*” tiveram edições em livros, mas saíram também no formato de folhetim em jornais.

No entanto, a análise do contexto linguístico realizada pela pesquisa revela que essa imprensa atuou como elemento fundamental na cena política. Todas as definições utilizadas por Sarmiento para categorizar o ofício de periodista e o papel dos jornais são fortes indícios da ação que essas folhas impressas desempenharam na época. Os periódicos surgiam como o espaço onde se confrontavam as diferentes estratégias discursivas dos protagonistas. A imprensa que repercutia os fatos, também interferia, de uma certa forma, na própria realidade do momento.

Todo esse debate alcançou o ponto máximo com a polêmica travada entre Sarmiento e Alberdi, descrita no segundo capítulo da dissertação. Dessa vez, os dois intelectuais iriam apontar as características de uma imprensa para a guerra ou para a paz. As definições de cada um sobre os periódicos estavam diretamente relacionadas com as posições políticas que defendiam naquele momento. Sarmiento para atacar Urquiza e Alberdi insistia na atuação de uma imprensa de guerra. Já o advogado mostraria que o momento, posterior a Caseros, pedia uma postura diferente nos jornais, que durante tantos anos só souberam guerrear. Uma imprensa de paz era necessária para realizar o debate do que era vital para o território argentino pós 1852, afirmava Alberdi.

A eloquência dos discursos dos dois autores e a utilização de expressões como guerra e paz foram apropriadas e ampliadas por outros interlocutores do cenário.

Alberdi e Sarmiento atuaram como “*Gladiadores del Pensamento*” e mostraram que os jornais eram instrumentos essenciais para o desenvolvimento das formas republicanas de governo, assim como, para a difusão da racionalidade e da cultura letrada. Através dos seus escritos, observamos que os próprios diários se converteram em atores políticos, no momento que suas páginas visavam concretizar influências, estimular alianças ou tramar intrigas. Nesse momento, a imprensa não apenas procurou representar a opinião, mas também constituí-la. A opinião pública se instruía e se formava através das páginas impressas e, assim, aqueles que conseguiam conquistar mais leitores possuíam uma função decisiva no cenário.

Outro tema muito discutido, na época, foi a questão da liberdade de imprensa. Durante o governo Rosas, o tema foi proclamado por seus opositores como uma faculdade essencial para homem, mas a dinâmica política que se estabeleceu posterior a Caseros, também não proporcionou um ambiente completamente favorável para a plena vigência dessa liberdade, que permanecia presa a influências políticas. No entanto, o desejo de expressar livremente seus pensamentos e ideias permanecia como um valor essencial no espectro ideológico da elite intelectual naquele momento.

A reflexão sobre o tema da liberdade de opinião e os limites dos jornais são questões chaves para a compreensão de todo o período. Os escritos sobre o papel da imprensa na Região do Prata também foram marcados pelo confronto entre a civilização e a barbárie, entre o campo e a cidade, e pela ação de uma forte censura frente à luta pela liberdade de imprensa. As publicações periódicas foram o lugar por excelência de uma esfera pública e se configuraram não apenas como um registro do que aconteceu, mas também como um ingrediente da realidade.¹ Essa imprensa foi a expressão de uma sociedade em transformação, que foi censurada, que foi livre, e se tornou uma ferramenta utilizada por homens que buscavam construir seu próprio país, e definir sua própria identidade. Nesse cenário, é possível afirmar que os periódicos representaram um fenômeno histórico no processo de formação das nações na Região do Prata.

¹ DARNTON, R. e ROCHE, D. (Orgs.), *Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*, p. 15.